

ASPECTOS HUMANOS

1. Em nove meses de 1958, o lucro industrial da comuna Chung Lok-tan aumentou 530 mil yuans, ou cinco vezes mais do que obtivera no mesmo período do ano anterior. Com esse lucro, entre outras coisas, foram comprados mil carrinhos de mão. E quando perguntei por que haviam adquirido tantos carrinhos de mão (*barrows*), responderam-me que era para evitar que os trabalhadores transportassem nas costas, isto é, nas cestas que eles carregam nos ombros, dependuradas nas extremidades de uma haste de bambu ou de outra madeira.

2. A primeira vez que tomei uma “*riksha*” em Calcutá, para me transportar do hotel ao consulado brasileiro – à falta de um táxi –, senti-me humilhado por ser conduzido por aquele carrinho puxado por uma criatura humana. E à medida que observava o jogo das suas pernas e dos seus braços, numa corrida contínua que requeria extraordinário esforço físico, lembrei-me da informação lida num dos muitos livros que se têm escrito sobre a velha China, segundo o qual os puxadores de “*riksha*” morriam precocemente de tuberculose ou lesões cardíacas, numa proporção de 90%.

Bem sei que outras profissões exigem igual esforço físico e matam na mesma proporção, mas aquela do puxador de “*riksha*” rebaixa o homem à condição de animal irracional, iguala-o ao cavalo, ao burro ou ao camelo. É a sua carga que o degrada. Ele carrega outro homem.

É claro também que, enquanto o puxador merece o meu respeito e a minha solidariedade humana, não tenho por que ocultar a aversão que me provoca o sistema social de que ele é consequência. É o sistema social que gera as condições humilhantes do trabalho da *"riksha"*.

Nunca mais a utilizei, nem na Índia, nem em Hong Kong. Na China, foi abolida a *"riksha"*. Substituíram-na pelo triciclo, que reduz o esforço físico a condições admissíveis. Mas, mesmo assim, esse problema está preocupando as autoridades chinesas. E, segundo fui informado, elas tratam de construir, em massa, triciclos motorizados que eliminarão, afinal, a tração humana.

3. A fachada da nova estação ferroviária de Pequim ocupa um dos lados de uma praça com 40 mil m² de superfície. A estação ocupa uma área de 46 mil m² e foi construída com dois pavimentos, no prazo de 7 meses e 10 dias, por 1.800 operários. O hall tem 1.225 m², ou seja, 35 m por 35 m, sem colunas. Escadas rolantes levam ao pavimento superior, onde se encontram 18 salas de espera que comportam 14 mil pessoas, cinema, televisão, restaurantes, vários banheiros e todas as comodidades. O serviço de informações para os passageiros é feito não só diretamente, em pequenos bureaux, mas também por um sistema de telecomunicação. Sobe-se num estrado e faz-se a pergunta. A resposta é imediata. Sabe-se o horário do trem, o preço da passagem, o guichê em que se deve comprá-la, a sala de espera e a gare do comboio. Sabe-se o horário do cinema para matar o tempo; sabe-se onde fica a sala de televisão. Além desse serviço de informações,

há também as indicadoras que ajudam, sobretudo aos velhos e aos mais acanhados, a se transportarem para o lugar que desejam. Tudo limpo e cuidado, com os matadores de moscas a postos... Existe uma plataforma para os trens internacionais com 400 m de extensão e suntuosa sala de espera, ornada com quadros de Qi Baishi, onde se serve o chá aos recém-chegados. E, quando manifestei admiração pelo que via, respondeu-me o superintendente da estação: “A China tem amigos em todo o mundo e precisamos recebê-los com o carinho que eles merecem”. A frase “A China tem amigos em todo o mundo”, que eu acabara de ouvir, é repetida em toda parte. É um *slogan* que demonstra o anseio do povo chinês pela amizade com todos os povos do mundo.

Mas o que mais me impressionou na estação de Pequim foi a Mu Zi Hou Che Shi. Escrevo no alfabeto latino porque ali, como em todos os edifícios modernos, se habitua o povo à ideia de substituir os ideogramas chineses pelas nossas letras. A Mu Zi Hou Che Shi não existe em nenhuma estação ferroviária do mundo que conheço. Não a vi em Nova York, Chicago, Londres, Quebec, Paris, Roma, Amsterdã, Moscou, Viena, São Paulo, Singapura, Rio de Janeiro, Zurique, Buenos Aires, Hong Kong, Santiago, Nova Délhi, Madri, Bombaim, Cairo, Tóquio, Istambul, Atenas, Varsóvia, Leningrado ou Berlim, para somente citar algumas das maiores cidades conhecidas.

A Mu Zi Hou Che Shi é a sala das mães e das crianças. Há duas na estação de Pequim. Cada qual é dividida em dois amplos compartimentos: um com toda sorte de brinquedos para que os meninos se distraiam, vigiados pelas mães e pelas

nurses que ali trabalham; e outro com iluminação apropriada, que serve de dormitório para as crianças e de repouso para as mães e as gestantes. O movimento de passageiros na estação de Pequim é de 200 mil pessoas diariamente.

4. Antes de ler a opinião que citei do deputado Pereira Pinto sobre a elegância das chinesas, já ouvira idêntica observação expedida por minha mulher e pela deputada nacional Berta Ferrari, da Argentina, que nos honrou com a sua companhia durante alguns dias de nossa permanência na China, em 1959. Minha mulher fez, em nossas visitas àquele país, um grande número de amigas chinesas e, com a sua sensibilidade feminina, viu muitos aspectos que me passavam despercebidos.

As chinesas, sobretudo as das novas gerações, praticam os esportes. São esguias, altas, formosas. Não usam rouge, batom, nem qualquer maquiagem. Vestem-se com simplicidade: comumente blusas e calças. Mas, nas reuniões, usam o vestido tradicional, fechado até o pescoço. São realmente elegantes e de uma graça incomum nos gestos e atitudes.

Quando minha mulher perguntou por que não se pintavam, responderam que, após a Libertação, não era possível importar rouge e batom, e a indústria chinesa não poderia ser desviada das necessidades do povo para ser empregada na produção de coisas suntuárias. Então, as mulheres deixaram de lado a maquiagem e todas se acostumaram com isso. Somente se pintam as artistas no palco e as atendentes no aeroporto internacional de Pequim. Nem por isso perderam a sua graça e os seus encantos.

Como puderam as mulheres submeter-se ao sacrifício de sua vaidade? O jornalista brasileiro Samuel Wainer, fundador da *Última Hora*, me confessou em Pequim que considerava extraordinário esse fato. A deputada argentina, também. Minha mulher, também. Mas há uma explicação para o sacrifício. Tantas e tamanhas foram as conquistas das mulheres chinesas com a Libertação que elas se tornaram entusiastas do regime. Não exagerarei se disser que ele é sustentado, sobretudo, pelo entusiasmo das chinesas.

Realmente, a Lei do Casamento (*The Marriage Law of the People's Republic of China*), promulgada logo após a Libertação, revolucionou o milenar sistema matrimonial. Diz logo, em seu artigo primeiro, que “o arbitrário e compulsório sistema feudal do casamento, que é baseado na superioridade do homem sobre a mulher e que ignora os interesses dos filhos, será abolido”. E acrescenta que o novo sistema, posto em vigor, se baseia sobre a livre escolha dos cônjuges, sobre a monogamia, os iguais direitos de ambos os sexos e a proteção legal aos interesses da mulher e dos filhos. O artigo segundo proíbe a bigamia, o concubinato, as núpcias de crianças, a interferência contra o casamento das viúvas e a doação de dinheiro ou presentes em conexão com o casamento.

A lei especifica os direitos e deveres dos cônjuges, estabelece os casos de divórcio e assegura o futuro dos filhos. Quanto a estes, a lei adota o princípio de que os laços de sangue entre pais e filhos não acabam com o divórcio dos pais e, em consequência, os protege com a maior cautela, indo ao ponto de não admitir o divórcio caso a sorte dos filhos não fique

assegurada. Depois do divórcio, se uma parte se conservar solteira e tiver dificuldades de manter-se, a outra parte deverá dar-lhe assistência. Acabando com a bigamia e o concubinato, e dando direitos à mulher na gestão dos bens do casal, a lei sacudiu a estrutura feudal da China e elevou o nível moral da família chinesa.

Dando, por outro lado, acesso à cultura e ao trabalho em todas as atividades políticas e econômicas, a lei possibilitou o desaparecimento da prostituição na China. A mulher não precisa mercadejar o próprio corpo, porque encontra remuneração para o seu trabalho honesto, em igualdade de condições com o outro sexo. É, portanto, natural que, havendo conquistado estabilidade social e econômica, as mulheres empenhem o seu esforço na consolidação do regime que as libertou e elevou na sociedade.

A personificação desse entusiasmo se encontra na Sra. Soong Ching-ling, viúva do Dr. Sun Yat-sen, que ora exerce a função de vice-presidente da República Popular da China. Companheira do fundador da República de 1911, ela tem lutado pela emancipação de suas patrícias desde a mocidade. Constitui um exemplo para a juventude feminina chinesa, que a venera justamente. Certa vez, ao visitar em Xangai um Instituto para Crianças fundado por Mme. Sun Yat-sen, alguém indagou da diretora do estabelecimento qual a idade daquela senhora. A resposta veio à maneira chinesa: “Não sei a idade de Mme. Sun Yat-sen, mas, para nós, chineses, ela é sempre jovem...”. Das três irmãs Soong, uma se casou com o banqueiro Kung, outra com Chiang Kai-shek e outra com o Dr. Sun Yat-sen. “A diferença entre elas”, disse-me uma senhora

chinesa, “é que Mme. Kung ama o dinheiro, Mme. Chiang Kai-shek ama o poder e Mme. Sun Yat-sen ama a China.”

5. A Federação Democrática das Mulheres da China (*All-China Democratic Women's Federation*), que tem a sua sede em Pequim e se espalha por todo o país, é o órgão que aglutina as militantes chinesas no sentido de educar todas as mulheres para a compreensão de seus novos direitos e responsabilidade no trabalho de libertação nacional. Ali me informaram que a execução da nova lei do casamento encontrava dificuldades, pois que interferia em velhos costumes que somente através da educação poderiam ser desarraigados. Citaram-me alguns exemplos, como o da autoridade das sogras sobre as noras, o da proibição do casamento das viúvas, o de núpcias de crianças etc. O papel da Federação era precisamente esse de dar às mulheres consciência de seus direitos e de fiscalizar a aplicação da lei do casamento em defesa das mães e dos filhos. Nestes últimos dez anos, porém, enormes haviam sido os progressos, sobretudo entre as mulheres jovens que galgavam os mais altos graus de instrução.

Ao referir-me ao problema da natalidade numa população que, para um índice de 2%, crescia de 12 milhões de criaturas anualmente – constituindo um sério problema social –, respondeu-me a diretora (médica) que o controle da natalidade (*birth control*) não era finalidade da Federação, pois o casamento visava a ter filhos e não o contrário disso. O neomalthusianismo é um preconceito burguês que não se aplica à China, cujo sistema de produção socialista deve

ser apto para produzir os bens necessários ao sustento dos chineses de hoje e dos que viriam a nascer.

Saliento aqui um fato incontestável. Enquanto a doutrina social-cristã sustenta princípios que não se praticam nas sociedades ocidentais ou cristãs, a China, que não é cristã, os cumpre, levada por outras concepções de vida, moralmente superiores às do Ocidente. Isso me leva a convencer-me daquela verdade proclamada por Sto. Ambrósio e repetida por Sto. Agostinho: *Omne Verum a quocumque dicatur a Spiritu Sancto est* (Toda verdade, seja quem a profira, pertence ao Espírito Santo). Pratica-se, portanto, na China, o cristianismo em certos setores da vida mais do que nos países cristãos ou ocidentais.

6. Em todas as comunas populares, peço, inesperadamente, para visitar a casa dos velhos. Querem mostrar-me as fábricas, as plantações, o cinema-teatro, a casa da cultura, a biblioteca, o sistema de irrigação, o lago para criação de peixes, os estábulos, o ginásio, a escola, o hospital etc. Vejo tudo. Mas, depois, peço que me mostrem a casa dos velhos. Eles me levam até lá com satisfação.

Estou em Lu Tai. A comuna tem nove casas para velhos desamparados. Visito uma que abriga 65 de ambos os sexos: um pavilhão para as mulheres e outro para os homens. Tudo modesto, mas limpo. O doutor que dirige o posto médico explica-me que a casa dos velhos fica sempre junto ao posto, porque eles estão a toda hora precisando de assistência. Minha mulher e eu fomos recebidos com palmas pelos velhinhos. Tenho vontade de chorar, porque me lembro do Asilo S.

Vicente de Paulo, de Goiás, que meu pai ajudou a construir e ao qual, em sua memória, sempre auxiliei. Recordo-me de seus esforços e de outros abnegados para proverem a minha cidade natal de um abrigo para os velhos que, aliás, não comporta senão uma pequena parcela dos necessitados. Lembro-me dos velhos do meu Estado e de todo o Brasil que encontro pelas ruas esmolando. Recordo-me dos velhos de todo o mundo que vivem sem lar, sem comida, sem roupa, sem parentes e sem amigos.

E, por isso, que as lágrimas me vêm aos olhos ao visitar a casa dos velhos de Lu Tai e receber as palmas dos velhinhos. E me pergunto: por que um país pobre, com 650 milhões de habitantes, pode em dez anos resolver o problema da velhice desamparada, enquanto outros mais ricos e sem as dificuldades da superpopulação ainda permanecem perplexos diante dele?

7. Em dezembro de 1956, fui a Wuhan para ver a ponte que se construía sobre o rio Yangtze. Wuhan, que se situa na confluência do rio Han com o Yangtze, é formada por três cidades que a ponte deveria juntar: Hankow, à margem esquerda do Han; Hanchang, à margem direita do mesmo rio; e Wuchang, no outro lado do Yangtze. Gastei quase uma hora para atravessar o Yangtze de Wuchang a Hankow de barco. Fui ver a construção da grande ponte que ligaria o norte ao sul da China. Sobre essa ponte, há uma referência de Mao Tsé-tung no seu poema “Nadando”, em que descreve as suas emoções ao atravessar a nado o Yangtze, de Wuchang a Hankow. Diz ele: “alentamos projetos gigantescos: uma

ponte vai juntar o sul ao norte; o abismo profundo será um caminho reto”¹.

Fui recebido pelo engenheiro-chefe da construção. Um chinês ainda moço para tão grande responsabilidade. Mostrou-me a maquete e as plantas. Ponte com 1.690 metros de extensão e altura de 80 metros, com dois andares: um para a ferrovia e outro para rodovia e transeuntes. A pista para automóveis tem 16 metros de largura com passeios laterais de 2,25 m para pedestres. Nas pilastras das margens, com 30 m de largura, há elevadores que conduzem o visitante da margem do rio ao lado da ponte, com andares em que se situam escritórios, salas de espera etc. A ponte liga as colinas da Tartaruga (margem esquerda) à da Serpente (margem direita do Yangtze). Mao Tsé-tung a elas se refere em seu poema. As obras de arte de um e de outro lado do rio, para que os trens e automóveis atingissem o alto da ponte, seriam por si sós enormes. Tratava-se, portanto, de uma obra ciclópica.

Perguntei ao engenheiro-chefe qual o prazo previsto para a construção da ponte. Respondeu-me que era de três anos. A obra havia começado em setembro de 1955 e deveria estar terminada em setembro de 1958. “Mas”, disse ele, “os meus 63 engenheiros e 3.800 operários decidiram fazer um presente à Nova China: a ponte será construída em dois anos apenas”. Duvidei disso.

Isto me foi dito em dezembro de 1956. A ponte foi terminada em agosto de 1957 (1 ano e 11 meses) e solenemente inaugurada a 15 de outubro daquele ano. Em outubro de 1959, voltei a Wuhan. Atravessei o Yangtze pela ponte em dez

minutos. Então acreditei mais em muitas coisas difíceis de se acreditarem.

8. Acreditei mais no espírito da fraternidade quando vi a preocupação de comprar mil carrinhos de mão para que se aliviasse o homem do desgaste da sua força física no trabalho que deveria realizar. Acreditei mais na bondade humana quando se aboliu a “*riksha*” na China e se substituiu a tração humana pela tração motorizada. Cri melhor na caridade popular quando vi as casas dos velhos e verifiquei que não há na China nenhum ancião desamparado pela coletividade, porque eles são respeitados e honrados pelas novas gerações. Comecei a acreditar no entusiasmo coletivo ante a construção da grande ponte sobre o Yangtze, onde ninguém se beneficiaria individualmente com a terminação rápida da obra, mas que se alçara à compreensão de que seu esforço favoreceria a toda a nação e, portanto, a si mesmo. Comecei a acreditar na seriedade da Nova China quando, não só na estação de Pequim, mas em toda parte, observei o carinho com que são tratadas as crianças, as mães e as gestantes, e como se dignificou a mulher na sociedade.

Certamente que são fatos isolados que podem ser vistos em todo o mundo. Mas eles servem como índices de uma nova mentalidade que orienta a atividade de todos. O ambiente que se respira em toda a China é o da seriedade. Seriedade no governo, nos seus atos e nas suas palavras. Seriedade no povo, nos seus hábitos e costumes. Sente-se, em toda a parte, a preocupação do bem-estar do povo, que Mao Tsé-tung prometeu antes da Libertação e está cumprindo

agora. Ele transmite amor ao povo e este corresponde a seus apelos com entusiasmo e amizade. Porque Mao não é apenas o guerreiro da Grande Marcha ou o governante esclarecido. Ele é, sobretudo, filósofo e poeta. Por isso, não lhe falta força interior para imprimir no governo e no povo a marca de sua bondade.

Não há na China aquilo a que se chamou de culto da personalidade. O que existe é respeito e amor do povo por Mao Tsé-tung. É o reflexo da dedicação de Mao Tsé-tung ao povo chinês. São sentimentos que se interpretam e se fortalecem à medida que o tempo passa.

Nota do autor:

1. Na tradução espanhola, são estes os versos:

“Se estremecen los mástiles en el agua agitada, inmóviles están los montes de la Tortuga e la Serpiente. Alentamos proyectos gigantescos: un puente va a juntar el sur y el norte, el abismo profundo será un camino recto”.

